

## UMA QUARTA FASE DA LINGÜÍSTICA TEXTUAL?

Lícia Maria Bahia Heine<sup>38</sup>  
(UFBA)

### RESUMO

Este artigo pretende apresentar uma reflexão sobre um novo momento da Linguística Textual, ramificação da ciência da linguagem, que tem como objeto de estudo o texto. Na tradição, a Linguística Textual possui três momentos, a saber: o primeiro momento — análise transfrástica, o segundo momento — a construção das gramáticas de texto e o terceiro momento — a construção das teorias textuais. Entretanto, os olhares para o texto em seu processamento vêm apontando uma nova fase (KOCH, 2004), alicerçada sobretudo nos gêneros discursivos, nos processos de referenciação e na concepção bakhtiniana de sujeito social, que possibilita, dentre outros, a tessitura do texto em função de aspectos ideológico- particulares.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lingüística. Textual. Gêneros discursivos.

### INTRODUÇÃO

A Linguística Textual é um ramo da ciência da linguagem que começou a desenvolver-se na década de 60, na Europa, e, de modo especial, na Alemanha.

Traduz o rompimento com as limitações teórico-metodológicas da lingüística formal e *procura penetrar no mecanismo de produção, construção, funcionamento e recepção de textos orais ou escritos* (MARCUSCHI, 1983, p.12).

Orienta-se por considerar o texto como objeto particular da investigação lingüística, por ser ele a forma específica de manifestação da linguagem. Para Hartman (1971 apud SCHMIDT, 1978, p. 7), *é somente a língua inerente ao texto e valorizada como texto que pode funcionar como meio de comunicação humana*. Com base nesses princípios, Marcuschi enfatiza que:

---

<sup>38</sup> Doutora em Linguística pela UFBA.

a língua não funciona em unidades isoladas, tais como fonemas, morfemas, palavras ou frases soltas, mas, sim, em unidades de sentido denominadas texto, realizadas em sua inserção contextual. Certamente, quando se estuda o texto não se pode ignorar o funcionamento do sistema lingüístico com sua fonologia, morfologia e sintaxe, mas, neste caso, se está apenas dando uma razão para um determinado uso da língua, com vistas ao seu funcionamento. (MARCUSCHI, 1994, p. 1)

A LT surge em um contexto tentacular, no qual emanam também várias linhas de pesquisa (a Análise do urso, a Sociolingüística, a Análise da Conversação etc.), que comungavam e ainda comungam questionamentos diversos, ora voltados principalmente para a lingüística do mestre de Genebra, o suíço Ferdinand de Saussure, ora voltados para os pressupostos da gramática gerativa do Noam Chomsky. Dentre as diferentes inquirições, destacam-se: Será que a língua é um conjunto de hábitos adquiridos<sup>39</sup>? Será que basta a descrição lingüística? Por que Saussure exclui o sujeito dos estudos lingüísticos? Por que o sentido provém apenas das estruturas lingüísticas? Será mesmo que a língua é transparente, onde o sentido se materializa na seqüência de elementos lingüísticos? Criticavam também o fato de a lingüística saussuriana ater-se ao estudo da *langue*, preocupando-se, por exemplo, com a identificação de fonemas e morfemas a partir de *corpus* limitado. Para os seguidores da LT, a ciência da linguagem, ao contrário, devia voltar-se para o estudo do texto, porque o falante se comunica através de textos, sua forma específica de manifestação da linguagem.

Em linhas gerais, a Lingüística Textual possui três momentos, a saber: o primeiro momento — análise transfrástica, em que se examinam as relações interfrásticas, tendo como preocupação básica a passagem da gramática de frase à gramática de texto (MARCUSCHI, 2003); segundo momento — a construção das gramáticas de textos, período de reflexão cujo objetivo principal consistia em elaborar regras

---

<sup>39</sup> Perguntas extraídas de Borba (1977, p. 11)

gramaticais que dessem conta de todo e qualquer texto. Na verdade, os seus pesquisadores procuraram construir gramáticas textuais através de categorias, centradas em regras de combinação voltadas à construção da entidade T (texto). Assemelham-se, dessa forma, aos gerativistas que propuseram a elaboração de frases, consoante as chamadas regras sintagmáticas. O terceiro momento — a construção das teorias textuais, fase em que “o contexto pragmático ganha relevância para a compreensão do texto, que passa a ser estudado dentro do seu contexto de produção, sendo, pois, compreendido, não mais como um produto acabado, mas como um processo, resultado de operações comunicativas e processos lingüísticos em situações sociocomunicativas” (BENTES, 2001, p. 247).

Embora ainda não esteja registrado de forma clara na literatura pertinente, observa-se um quarto momento da Lingüística Textual — a fase cognitivista, que vem se afluando gradativamente desde van Dijk e Kintsch (1983) até os trabalhos de Kleiber, Schnedecker, Ujma (1991), de Mondada (1995), Koch (2004) e Heine (2000), dentre outros. Consoante esse lastro, além das questões de ligadas ao processamento textual com foco nos processos de coesão, a partir sobretudo, da referenciação, tem-se uma nova reflexão a respeito do sujeito, que se aproxima de forma substantiva do sujeito social do Bakhtin.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Nesta seção, pretende-se analisar, para ilustrar a nova fase da Lingüística Textual, o texto do *Supremo arquiva ação que questionava declaração de Lula sobre crise financeira* a partir dos postulados básicos da Lingüística Textual hodiernos, que se pautam sobremaneira na referenciação (MONDADA, 1995), Koch (2004) e Heine (2000).

### **Exemplo**

Um dia após um conflito entre sem-terra e seguranças de uma fazenda do banqueiro Daniel Dantas ter deixado nove feridos a bala no Pará, o MST (Movimento dos

Trabalhadores Rurais Sem Terra) promoveu ontem barricadas na região, dispensou auxílio do governo federal e acenou para novas ações nas próximas horas. **As manifestações**, na semana em que o massacre de Eldorado do Carajás (PA) completou 13 anos, ocorreram em ao menos quatro pontos de estradas. **Elas** foram uma resposta do movimento ao confronto entre os acampados da fazenda Espírito Santo com seguranças da Agropecuária Santa Bárbara, do grupo Opportunity, anteontem. (Retirado de <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u553379.shtml>)

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pretende-se instaurar, na verdade, uma discussão em torno das metas da Lingüística Textual hodiernamente, a fim de ressaltar que esta linha de pesquisa não se restringe apenas ao texto escrito de cunho tradicional e nem em questões coesivas centradas na noção clássica de referência.

Quanto aos resultados, objetiva-se que se ampliem as noções de processamento textual e da sua compreensão consoante a referenciação na relação direta do cognominado sujeito social.

## CONCLUSÕES

Nesta seção, serão retomados os aspectos pontuados durante a apresentação dessa comunicação, tais como: o foco para o texto a partir dos gêneros discursivos de Bakhtin (1992), a concepção de referenciação e a do sujeito social, com objetivo de apresentar melhor a Lingüística Textual no cenário da ciência da linguagem — a Lingüística, nos primórdios do século XXI.

## REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual: INTRODUÇÃO** à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2008.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação textual**. 4. ed. Tradução do russo: Paulo Bezerra; INTRODUÇÃO à edição francesa: Tzvetan Todorov. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BENTES, Anna Christina. Lingüística Textual. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **INTRODUÇÃO à lingüística: domínios e fronteiras**. v.1. São Paulo: Cortez, 2001. p. 203-232.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Tradução Eduardo Guimarães et al. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- BRAIT, B. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.
- FARACO, Carlos Alberto. Criação ideológica e dialogismo. In: \_\_\_\_\_. **Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin**. 2. ed. Curitiba, Pr.: Criar Edições, 2006. p. 45-86.
- FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Lingüística textual: uma INTRODUÇÃO**. São Paulo: Cortez, 1983.
- FIORIN, Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth (Org.). (2006). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo, Contexto. p. 161-194
- HEINE, Lícia Maria Bahia. **Aspectos do Uso da Anáfora no Português Oral**. p. 273. [Tese de doutorado em linguística]. Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, 2000.
- GREGOLIN, Maria do Rosário; BARONAS, Roberto (Org.). **Análise do discurso: as materialidades do sentido**. 3. ed. São Carlos, SP: Editora Claraluz, 2007.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.
- Paulo: Contexto, 2003.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **INTRODUÇÃO à linguística textual**. São Paulo: Contexto, 2004.
- MARCHEZAN, Renata Coelho. Diálogo. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo, Contexto, 2006. p. 115-132.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Lingüística de texto: o que é e como se faz**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Mestrado em Letras e Lingüística, 1983.
- ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 6. ed. São Paulo: Pontes, 2005.
- PARRET, Herman. **A estética da comunicação: além da pragmática**. Tradução Roberta Pires de Oliveira. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

- 
- POSSENTI, Sírio. **Os limites do discurso**. Curitiba: Criar Edições, 2002
- POSSENTI, Sírio. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **INTRODUÇÃO à lingüística: domínios e fronteiras**. v.1. São Paulo: Cortez, 2001. p. 353-438.
- TEZZA, Cristóvão. **Entre a prosa e a poesia: bakhtin e o formalismo russo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.